

## MUIDINGA E TUAHIR: UMA BREVE LEITURA DO EXÍLIO EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO

Francimeire Pereira MIRANDA (UFPA)<sup>1</sup>  
Sandra Maria JOB (UFPA)

### RESUMO

O exílio é uma condição/ situação secular, de acordo com Edward Said (2003), que tem sido um tema constante das literaturas modernas, como é tema em *Terra Sonâmbula* (1993), de Mia Couto, por exemplo. E embora seja já um tema antigo, devido às guerras, em especial, ele se torna sempre atual, pois se torna presença constante na vida dos cidadãos cujo país esteja passando e/ou tenha passado por algum tipo de conflito social político. Torna-se, portanto, necessário trazê-lo sempre para o centro das discussões acadêmicas para que tanto ele quanto o que o origina sejam (re)pensados e, quem sabe, evitados. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é analisar as marcas do exílio presentes na vida dos personagens Tuahir e Muidinga da referida obra. Ao final desta pesquisa de cunho bibliográfico, chegou-se à conclusão, entre outras, de que o estranhamento dos personagens para com seu próprio país, além do fato viverem sem um local fixo, colocam-nos em uma situação de exílio mesmo estando dentro do próprio país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exílio. Literatura Africana. *Terra Sonâmbula*.

### INTRODUÇÃO

O exílio é uma condição/ situação secular, de acordo com Edward Said (2003), que tem sido um tema constante das literaturas modernas, como é tema em *Terra Sonâmbula* (1993), de Mia Couto, por exemplo. E embora seja já um tema antigo, devido às guerras, em especial, ele se torna sempre atual, pois se torna presença constante na vida dos cidadãos cujo país esteja passando e/ou tenha passado por algum tipo de conflito social político. Torna-se, portanto, necessário trazê-lo sempre para o centro das discussões acadêmicas para que tanto ele quanto o que o origina sejam (re)pensados e, quem sabe, evitados. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é analisar as marcas do exílio presentes na vida dos personagens Tuahir e Muidinga da referida obra.

Para tanto, procurou-se, em um primeiro momento, trazer à tona algumas anotações sobre o que seja o exílio e as consequências do mesmo na e para a vida do indivíduo. Posteriormente, analisa-se algumas marcas do mesmo presentes na vida de dois personagens: Tuahir e Muidinga. E, por fim, apresentamos as conclusões a que se chegou após a análise.

### 1 O EXÍLIO POR EDWARD SAID

Edward Said, teórico franco-argeliano, é considerado o precursor das discussões teóricas acerca do exílio. Partindo da própria experiência, o mesmo tece algumas considerações sobre exílio

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras 2010 da Universidade Federal do Pará – UFPA – Campus Breves  
ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131

e a condição do exilado que nos fazem parar para (re)pensar o termo, o que origina o exílio na vida do cidadão e as consequências do mesmo. Neste contexto, vale ratificar o que diz o mesmo sobre ele. Para ele, exílio, por exemplo, é algo que nos compele a pensar sobre ele, mas que é terrível de vivenciar. Ou seja, talvez devido a circunstâncias que o originam e a fácil possibilidade de nos tornarmos próximos do mesmo, ele é um tema sobre o qual somos quase que obrigados a pensar, mas que, para quem o vive, é algo mais que doloroso.

Ainda neste contexto, para Said (2003), o exílio é uma fratura incurável entre o ser humano e o lugar natal, entre o eu o seu verdadeiro lar. Talvez por isso, para o autor, o exílio seja algo terrível para se vivenciar, visto que para qualquer ser humano, a invisível raiz que o “prende” a determinado lugar/país é uma das buscas, necessidades mais prementes do indivíduo.

Uma vez que o indivíduo encontra-se então na condição de exilado, a fratura, comentada por Said, torna-se exposta e, conseqüentemente, a ideia fixa de pertencer a um lugar, segundo Said (2003, p. 55), é uma das principais características intrínseca no exilado, que se recusa a pertencer a outro canto que não seja o seu. E ele é tão maléfico que, para Said, assim como a guerra, o exílio tem o poder de roubar milhões de vidas da face da terra.

Percebe-se, portanto, a dimensão que o mesmo pode adquirir na vida das pessoas e, de certa forma, na sociedade. Conseqüentemente, é um tema complexo e, segundo Said (2003), polêmico. Mas justamente por ser polêmico, ele atrai diversas opiniões que se divergem uma das outras, pois para alguns críticos e filósofos, por exemplo, o exílio não se resume somente na dor e na perda. Há quem defenda o exílio de forma parcialmente positiva, pois acredita que o mesmo possa se transformar ou se apresentar como uma oportunidade que ajuda o indivíduo a ampliar sua visão acerca do mundo. Nesse sentido, segundo Auebach (apud SAID, 2003, p. 59), “o mundo inteiro como uma visão estrangeira” possibilita a originalidade da visão.

O exílio, talvez por ser algo bastante comum na vida do ser humano, ele pode acontecer e acontece com mais frequência do que se imagina. E, segundo Said (2003), ele tem sido tema frequente na literatura moderna. Sendo assim, a proposta desse trabalho é discorrer sobre tal tema a partir do romance de Mia Couto, *Terra Sonâmbula* (1993).

## 2 MUIDINGA E TUAHIR: EXÍLIO EM *TERRA SONÂMBULA*

*Terra Sonâmbula* (1993), de Mia Couto<sup>2</sup>, retrata um período assombroso em África de língua portuguesa, mais especificamente em Moçambique. Período de uma guerra civil na qual os próprios moçambicanos tornam-se vítimas da mesma. Historicamente esses conflitos foram frutos da luta de Moçambique pela independência de Portugal. E, tendo como pano de fundo essa guerra, *Terra Sonâmbula* vai contar a trajetória dos personagens em meio a ela. Como são muitos, este trabalho focará nos personagens Tuahir e Muidinga.

Para começar a tratar de tal tema, cabe lembrar/não esquecer que o exílio, de acordo com (SAID, 2003, p. 47) é causado por seres humanos para outros seres humanos e que, tal como a morte, mas sem a última misericórdia, arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição. Ou seja, ele (exílio) só acontece por causa da maldade/do egoísmo... do ser humano que, movido por razões várias, injustas, coloca um seu semelhante numa situação de perda, abandono, de solidão. Ainda para Said (2003), o exílio é uma experiência amarga, é um sentimento exagerado de intensa solidão e que só quem realmente o experimenta sabe os malefícios que ele pode causar no indivíduo. O maior malefício, muito possivelmente, encontra-se vinculado às cicatrizes ocasionadas pelo conjunto de perdas acumuladas em meio a tanta guerra.

Afinal, como é nascer num lugar, ficar e viver ali, saber que se pertence a ele, mais ou menos pra sempre e, de repente, aquele lugar, embora esteja ali, já não está e não te pertence mais?

Resposta precisa a isso apenas quem é vítima seguramente a daria. Contudo, pode-se adiantar que é estar-se em exílio dentro do próprio país, como é o caso de Muidinga e Tuahir. Uma vez em estado de exílio, as marcas do mesmo na vida dos personagens é uma constante. Nesse sentido, Muidinga, desde cedo, vive a consequência do mesmo, pois no tempo da narrativa, ele se encontra em um

[...] campo de refugiados. Se nota nele um leve coxear, uma perna demorada mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até a morte. Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos outros haviam abandonado. O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz, mas de toda cabeça. O velho teve lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. (COUTO, 1993, p. 10).

Tuahir perdera tudo: país, casa, memória, saúde... Perdas que o colocam em exílio, visto que, segundo Said (2003) o exílio é uma fratura entre o ser humano e o lugar natal, entre o eu e o

---

<sup>2</sup> Mia Couto é considerado um dos escritores mais importante de Moçambique, além de ser o escritor Moçambicano mais traduzido. Suas obras, segundo estudos, captam na escrita a expressão oral dos povos indígenas, tornando-se um discurso literário criouliizado. Ou seja, um discurso que traz marcas linguísticas do falar do povo africano. Além disso, Mia Couto tenta recriar a língua portuguesa com influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país. Com isso acabou produzindo um novo modelo de narrativa africana. Outro aspecto da obra dele que tem chamado a atenção, dada a constante presença, é a questão do exílio, presença constante na realidade do povo moçambicano.



seu verdadeiro lar. Sendo assim, através do excerto acima, pode-se concluir que na vida de Muindinga existe essa quebra, essa lacuna entre ele e os seus. Mais que isso, a lacuna atinge ele consigo mesmo. E como se ele tivesse se perdido de si próprio. Perdeu-se das suas origens familiares, dos seus saberes anteriores – como andar, falar, pensar. Consequência do exílio que tira tudo do indivíduo, inclusive sua capacidade de ser gente, de interagir com o meio e conseguir efetuar as ações básicas de um ser humano, pode ser ele adulto ou criança.

Além da perda da infância, Muindinga vive o triste dilema de não possuir uma identidade própria, marcas claramente deixadas pelo exílio, que rouba do indivíduo a oportunidade de conhecer seus pais, e compreender qual o real valor da família para o indivíduo.

Ainda a agora ele se admitia: afinal, sabia ler? Que outras habilidades poderia fazer e que ainda desconhecia?

-Tuahir, não se zanga de lhe chamar de tio...

-Que tu queres, diga lá?

-Me conte sobre a minha vida. Quem eu era, antes do senhor me apanhar?

-Tio, tio, tio! Essa palavra só me desgosta...

-Conte lhe peço.

-Você nem tem estória nenhuma. Lhe apanhei no Campo, ganhei pena de lhe ver aranhicar, com pernas que já nem conheciam andamento...

-Mas o senhor me conhecia, sabia quem eu era?


-Nada. Você nunca me foi visto. Agora, acabou-se a conversa e apague a fogueira. (COUTO, 1993, p. 42).

Muindinga, na verdade, é mais um refém do exílio, que lhe roubou a história de sua origem, tirando-lhe o direito de saber quem ele era de onde vinha, quem era sua família. Roubou-lhe uma das coisas mais importante que é ter raízes em algum lugar desse continente. Nesse sentido, de acordo com Said (2003), ter raízes é uma das necessidades mais importante e menos reconhecida pelo ser humano.

Para Muindinga não era diferente, tanto que sentia necessidade de ter uma história de vida que fosse só sua, saber suas origens. E buscava por essas respostas, que a guerra escondia embaixo dos inúmeros mortos que ela faz ao longo do caminho.

Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com frequência em busca deles. Portanto, Os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstruir suas vidas rompidas e preferem e ver a si mesmo com parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado (SAID, 2003, p. 50).

Mas apesar dessa procura constante, Muindinga renovava seu espírito sempre que lhe vinha a mente súbitos relapsos de sua infância. Nesses momentos acreditava ter vivido num período antes guerra, uma vida que não se lembrava de quase nada ou nada. Mas para ele que ansiava em descobrir sua identidade, essas lembranças era um sinal de recomeço de uma reconstrução de suas raízes, uma espécie de luz no fim do túnel.



De súbito, lhe chegam sono distante no tempo, semelhando gritos de meninagem em recreio. O menino estremece aquela era uma primeira lembrança. Até ali ele não se recordava de ocorrência anterior à enfermidade [...].

- Lembraste quê?

-Das vozes da barulheira dos outros meninos.

(COUTO, 1993, p. 45).

Em suma, uma das marcas do exílio na vida de Muindinga é a perda da infância. E ela existe, ao invés de brincar, visto que é criança, este personagem encontra-se perdido, à procura de si mesmo e dos seus, buscando por um canto onde possa se esconder. Ou seja, passa pela infância sem desfrutar da infância, pois não vive – nem a infância, nem uma vida a qual pudesse chamar de sua.

Devido à necessidade de sobrevivência, Muindinga amadurece em curto período de tempo, é necessário que aprenda a se defender. E aos poucos o menino começa a ganhar responsabilidades, responsabilidades essas perceptíveis e necessárias para poder continuar vivo na estrada e conseguir ajudar o velho Tuahir, que também inspira cuidados devido ao avanço da idade e suas limitações adquiridas no exilamento.

Muindinga agora era um pequeno grande homem, que parecia não acreditar na sua capacidade de agir como gente grande, e se admirava como podia ele tão pequeno assumir uma responsabilidade tão grande. Como podia ele cuidar de seu pai, que até agora pouco era seu protetor e seu porto seguro. Foi quase sem querer, que percebeu que havia amadurecido antes do tempo previsto, parecia ele passar de criança para adulto, mas sem aproveitar à infância, o exílio lhe roubava os melhores anos de sua vida e ele nem percebia, pois estava perdido no meio de tanta desgraça que ele não conseguia entender.

O velho lhe pede apoio. Estava com frio, solicitou o agasalho. O miúdo lhe cobre com seu corpo. E sente pena de si. Como é que ele, tão menino, tão recém-recente, andava cuidando de seu pai? Como é que sua mão, do tamanho de um beijo, protegia um homem tão volumoso? E lhe cresce uma raiva para com seu pai. Afinal, nunca ele lhe cobria dos frios, nunca ele o empurrara para fora da tristeza. Ou seria que apenas depois da infância ele poderia ser criança? (COUTO, 1993, p.188).

Outro aspecto de tal relevância que marcou Muindinga e deixou marcas amarga do exílio foi o medo. Medo este que adquiriu na estrada ao cair da noite, cercado pela completa escuridão, onde o sol dava lugar à noite, e tudo começava a sumir lentamente por entre a escuridão, que roubava assim a sua visão, então, quando o negro da noite reinava Muindinga parecia estar cego e desprotegido.

Fica sentado, alheio. No entanto, lá fora, tudo vai ficando noite. Reina um negro silvestre, cego. Muindinga olha o escuro e estremece. É um desses negros que nem os corvos comem. Parece todas as sombras desceram a terra. O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita, enroscando como um congolote. O machimbombo se rende à quietude, tudo é silêncio taciturno. (SAID, 2003, p.13).

Já no que se refere a Tuahir, inicialmente percebemos que as marcas do exílio em sua vida mostram-se mais evidentes a partir de sua aparência física. Era um homem magro que parecia ter perdido toda sua substância no campo de batalha. Segundo Couto,

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da Guerra, dessa guerra que contamina toda a sua terra. (1993, p. 9).

A fome também é uma das marcas do exílio, uma companheira diária na vida de Tuahir e Muindinga, visto que

É a fome que começa a beliscar a barriga daqueles dois. O estômago de Muindinga que ronrona  
O velho lhe pede contas;  
- Tem fome, não é miúdo? Quem lhe mandou poupar o cabrito?  
O moço está derreado, parece ter regressado ao estado da doença. Está quase parente da estrada, parado e poeiroso. O velho Tuahir se aborrece com a patia do jovem.  
- Já esqueceu fala, outra vez? É da fome isso. Sabe o que você faz? Você engole com força. É, engole saliva, faz conta está entrar comida na garganta. A fome fica confusa, assim. (COUTO, 1993, p. 61).

O velho Tuahir, apesar de não querer demonstrar sua fragilidade, preferia assumir uma posição de homem difícil e insensível, permanecia inabalável diante de todos os aperreios enfrentados no caminho. Mas, por fim, como todo ser humano, tinha seu ponto fraco, sentia saudade dos bons tempos de sua vida, entoados pela beleza dos comboios. Essa saudade mantinha residência no coração do velho, que estava consumado pelo cansaço e pela tristeza, de ver sua pátria destruída pela guerra, ou seja, afluía no velho Tuahir uma característica peculiar de um exilado, a saudade de sua terra.

Tuahir era um velho que sofria com a saudade dos bons tempos, como todo exilado morava nele a esperança de conseguir reconstituir sua pátria para reconstruir suas raízes. Por isso, recordá-la era uma forma de mantê-la viva e de manter acesa a esperança. Assim,

O velho se lembrava de olhos quiméricos. Recordava o trem resfolegando pela savana, trazendo as boas simpatias de muito longe, os mineiros que chegavam carregados de mil ofertas. Sua memória se inundava de vapores e de fumos, esses que cacimbam as sonolentas estações. Há quanto tempos comboios tinha parado de espalhar seus fumos mágicos?  
- Você alguma vez escutou a fala do comboio?  
- Nunca, tio.  
-É bonito de se ouvir. Túúúúú-úú.  
Tuahir se recorda. Seu serviço tinha sido numa estaçõzinha. Quando a guerra chegou, os comboios deixaram de passar. Mas ele ficou em seu posto, com sua lanterna, sua atenta bandeira. Aquela bandeira tinha restado como única entre tanto mato como se fosse uma lâmpada não dos homens mas da terra. Pontualmente Tuahir madrugava na gare, varria o patamar, reparava as tábuas da casinha. Aplicava seu princípio: há de vir um dia o comboio virá. Quando chegasse a data

ele estaria á frente da ocasião, todo fardado, todo organizado. Como sempre fizera, saudaria a locomotiva em solene continência (COUTO, 1993, p. 166).

Mas quando a esperança para o exilado se esvai, como aconteceu com o velho Tuahir, nada mais resta, nada mais lhe apetece. Somente a morte torna-se bem-vinda.

- Vê aquele barco velho, ali abandonado?
- Vejo tio.
- Me faça como Surendra fez com mulher dele. Meta-me nesse barco.
- Não, tio. O senhor fica comigo. Eu vou lhe cuidar.
- Me deite no barco, Quero morrer sem ver nenhuma terra, só água em todo meu lado (COUTO, 1993, p.233).

No caso de Tuahir, o exílio o destitui até do desejo de pertencimento de uma pátria, de uma terra – mesmo que ilusória. E destituído de sonhos, de desejos, entrega-se para a morte, espectro que tende a rondar o exílio.

## CONCLUSÃO

Pode-se concluir, ao final desse trabalho, que a obra *Terra sonâmbula* é um livro sobre exílio. A guerra ali presente serve apenas para explicar a origem do exílio que acomete os personagens, em especial os analisados aqui.

Além disso, pode-se concluir também que as marcas do exílio na vida de Muidinga e Tuahir perpassam aspectos relevantes à vida do indivíduo, quais sejam: o pertencimento a um país, lugar, família. Estão presentes também em bens essenciais como comida, moradia.

Conclui-se também que, no caso desses dois personagens, o exílio os destitui de tudo, inclusive e principalmente do desejo de viver e viver em uma pátria à qual pudessem chamar de sua.

## REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. Rio de Janeiro: Editor Caminho, Lisboa 1995.

SAID, Edward W. *Reflexão sobre o exílio*. In:\_\_\_\_\_ Reflexão sobre o exílio e outros ensaios. [s.d], 2003.